

A QUESTÃO DA UNIVERSALIDADE NA DISTINÇÃO DA CLASSE DE PALAVRAS: NOMES

THE ISSUE OF UNIVERSAL IN CLASS DISTINCTION OF WORDS: NAMES

Mara Sílvia Jucá Acácio*

Resumo: Neste artigo apresentaremos os resultados de uma breve pesquisa bibliográfica comparativa sobre a questão da universalidade da categorização dos *nomes*, em geral, definidos na literatura linguística como *substantivos*. A pesquisa pautou-se nos estudos de Schachter (1985), Macambira (1993), Rosa (2000), Perine (2000) e Biderman (2001), os quais pressupõem diferentes critérios para a classificação de palavras em uma língua, considerando aspectos mórficos, sintáticos e semânticos, além de marcas categoriais.

Palavras-chave: Classes de palavras. Nomes. Universalidade.

Abstract: In this article we present the results of a brief comparative literature on the question of universal categorization of names, usually defined in linguistic literature as nouns. The research was based on studies of Schachter (1985), Macambira (1993), Rose (2000), Perine (2000) and Biderman (2001), which require different criteria for the classification of words in a language, considering aspects morphic, syntactic and semantic, as well as categorical brands.

Keywords: Classes of words. Names. Universality.

INTRODUÇÃO

A literatura linguística tem demonstrado, amplamente, que a noção de classe de palavras é definida de maneira que não fornece uma base adequada para a classificação dessas palavras, uma vez que existem muitos casos em que a sua aplicabilidade ou inaplicabilidade não é clara, como dizer, por exemplo, que “*um substantivo é o nome de uma pessoa, lugar ou coisa*”. De acordo com Schachter (1985), presume-se que os principais critérios para a classificação de palavras em uma língua são gramaticais, e não semânticos. Entretanto as propriedades gramaticais de uma palavra são tomadas por serem relevantes para a sua classificação em partes do discurso, por incluírem na distribuição da palavra a sua gama de funções sintáticas e as categorias morfológicas que as determinam.

* Mestra em Linguística pela UFPA e Professora substituta na UEPA/CCSE/DLLT desde 2005.

E-mail: maraju06@hotmail.com

Para Schachter (1985), um exemplo dessas diferentes distribuições pode ser percebido a partir da observação das três palavras da frase *Boys like girls* ‘Os meninos gostam de meninas’, contexto, no qual, as palavras *boys* ‘meninos’, *like* ‘gostam’ e *girl* ‘meninas’ podem assumir diferentes funções.

Primeiramente, se partirmos de uma análise morfológica, as palavras *boys* ‘meninos’ e *girl* ‘meninas’ se inserem na classe dos nomes, mas não na classe dos verbos; já a palavra *like* ‘gostam’ se insere na classe dos verbos, mas não na classe dos nomes, como podemos observar a seguir:

Boys like girls
nome / verbo / nome

Se partirmos de uma análise sintática, a palavra *boys* ‘meninos’ funciona como *sujeito* da frase e *girls* ‘menina’ funciona como objeto, porém, não podem funcionar como *verbo*; já *like* ‘gostam’ continua funcionando como verbo, mas não pode funcionar como sujeito.

Boys like girls
Sujeito / verbo / objeto

Em se tratando de categorizações, as palavras *boys*, ‘meninos’, e *girls*, ‘meninas’, são classificadas em gênero e número, mas não por tempo; enquanto que, *like*, ‘gostam’, é classificado por número e tempo, mas não por gênero. Por isso, essas três palavras estão distribuídas em classes de palavras distintas.

Schachter (1985) cita outro exemplo, com distribuição semelhante: *Girls like boys* ‘As meninas gostam de meninos’, no qual, se analisarmos morfológicamente, a palavra *boys* ‘meninos’ estará ocupando outro lugar na frase, mesmo assim, continua inserida na classe dos nomes, mas não como verbo; se analisarmos sob o mesmo ponto de vista a palavra *like* ‘gostam’, a mesma continuará inserida na classe dos verbos, mas não na classe dos nomes, como pode ser melhor visualizado abaixo.

Girls like boys
nome / verbo / nome

No entanto, neste mesmo exemplo, se continuarmos a analisar morfológicamente, a palavra *boys* ‘meninos’ estará ocupando outro lugar na frase, mesmo assim, continua inserida na classe dos nomes, mas não como verbo; se

analisarmos sob o mesmo ponto de vista a palavra *like* ‘gostam’, a mesma continuará inserida na classe dos verbos, mas não na classe dos nomes.

Girls like boys
sujeito / verbo / objeto

Em geral, as propriedades gramaticais constituem uma base útil para classificação das palavras. Mas isso acontece também por uma razão semântica universal, em que a classe a que pertencem as palavras *boys* ‘meninos’ e *girls* ‘meninas’ é chamada de classe dos nomes ou substantivos, e a que pertence a palavra *like* ‘gostam’ é chamada de verbo, nas línguas universais.

Dessa maneira, em inglês, por exemplo, embora os substantivos, verbos e adjetivos sejam claramente distinguidos um do outro de várias maneiras, ainda existem certas propriedades que são inerentes a essas partes. Dessa forma, qualquer substantivo em inglês é potencialmente também um adjetivo, podendo ser usado como tal, como em *brick house* ‘casa de tijolo’.

Em outras línguas, os substantivos e verbos, ou substantivos e adjetivos, ou verbos e adjetivos, podem ter muito mais em comum do que em inglês. Por isso, existe uma discussão sobre a questão da universalidade na distinção das partes específicas do discurso. Porém, neste estudo tratar-se-á especificamente da questão da universalidade da categorização dos substantivos.

1. AS CLASSES ABERTAS E FECHADAS NAS LÍNGUAS UNIVERSAIS

Observa Schachter (1985) que todas as línguas fazem uma distinção entre classes abertas e fechadas do discurso. Sendo as classes abertas aquelas que têm adesão ilimitada, que variam de tempos em tempos, e entre um falante e outro (substantivos, adjetivos, advérbios e verbos); e as classes fechadas aquelas que têm adesão limitada, contém pequeno número de palavras, como as conjunções e os pronomes. As palavras pertencentes a classes abertas são encontradas, normalmente, em todas as línguas.

Normalmente, cada uma dessas classes pode ser dividida em um número de subclasses com base em determinadas propriedades gramaticais distintivas, por exemplo, a classe dos substantivos em inglês pode ser dividida em subclasses, tais como: comum e própria - em função da existência ou não dos substantivos ocorrendo com artigos como *the* ‘a’ - como em: *the girl* ‘a menina’ versus * *the Mary* ‘a Maria’;

contada e não contada - em função da existência ou não de ocorrência no plural, como em: *chairs* ‘cadeiras’ versus **furnitures* ‘móveis’. (SCHACHTER, 1985 p. 5).

(...) é necessário reconhecer, entretanto, que nem sempre há uma base clara para se distinguir duas classes abertas de palavras que ocorrem em uma linguagem. Estas devem ser identificadas como diferentes partes do discurso ou como subclasses de uma única parte do discurso. A razão para isso é que as classes abertas do discurso são distinguidas por diversas bases num conjunto de propriedades, nenhuma das quais, por si só pode ser reivindicada a não ser por uma condição necessária e suficiente para sua a distribuição numa determinada classe. (SCHACHTER, 1985, p. 4-5).

O fato é que as línguas variam consideravelmente de acordo com as propriedades associadas às diferentes classes de palavras abertas de agrupamentos distintos. Normalmente há alguma sobreposição acerca da partilha de propriedades.

2. CARACTERIZAÇÃO DA CLASSE DOS NOMES OU SUBSTANTIVOS

O rótulo ‘substantivo’ é atribuído às classes de palavras em que ocorrem os nomes da maioria das pessoas, lugares e coisas.

Segundo Schachter (1985:7), e como já foi dito na parte introdutória desse trabalho, este tipo de correlação nocional não é a base para determinar a composição em uma classe, mas simplesmente a base para a atribuição de um nome a uma classe criada por outros motivos. Portanto, não é uma questão de preocupação se a classe dos substantivos inclui, como faz normalmente, palavras que não são nomes das pessoas, lugares ou coisas, ou se alguns nomes são encontrados em alguma outra classe.

Uma das funções mais comuns ao substantivo é ser o núcleo do sujeito ou do objeto, como nas palavras *boy* ‘menino’ e *candy* ‘doce’, na frase *The little boy was eating candy*. ‘O pequeno menino estava comendo doce’.

O Substantivo também pode funcionar como predicativo, quer com o acompanhamento da cópula, como no inglês com cópula *be* ‘ser’, na frase:

They are teachers.
(cópula)
‘Eles são professores’

Como no dialeto *hausa* com cópula *ne* ‘ser’, como na frase:

Su malamai ne.

(cópula)

‘Eles professores são’

‘Eles são professores’

Como no *tagalog*, sem cópula:

Mga guro sila

PL professores eles

‘Eles são professores’

Ou como no russo, sem cópula:

Oni ucitelja

Eles professores

‘Eles são professores’

Schachter (1985:7) anota que podem ser especificadas, ainda, categorias típicas para cada substantivo, tanto morfológicamente, quanto sintaticamente, como: caso, número, classe ou gênero, e definição, a saber:

Caso: indica funções gramaticais (sujeito, objeto direto e objeto indireto), como nos seguintes exemplos de algumas línguas universais:

a) Em Latim, em que o caso é marcado morfológicamente, por sufixação:

<i>Femin-a</i>	<i>mal-um</i>	<i>puell-ae</i>	<i>dedit</i>
mulher	maçã	menina	deu
(nominativo)	(acusativo)	(dativo)	
‘A mulher deu uma maçã à menina’			
SUJ	OD	OI	

b) Em japonês, em que o caso é marcado sintaticamente, por posposições:

<i>Onna ga</i>	<i>shojo ni</i>	<i>ringo o</i>	<i>ataeta</i>
mulher SUJ	menina OI	maçã OD	deu
‘A mulher deu uma maçã à menina’			
SUJ	OD	OI	

Número: marcando a distinção entre singular e plural, e, mais raramente, dual, como em:

Inglês: *house / houses* ‘casa’, ‘casas’

Esquimó: *iglu / iglut / igluk* ‘casa’, ‘casas’, ‘duas casas’

Tagalog: *bahay / mga bahay* ‘casa’, ‘casas’

Classe ou gênero: partições que marcam o conjunto de substantivos em subconjuntos, cada qual tem sua característica própria e/ou necessidade de uma marca distintiva em certas palavras, que mostram concordância com substantivos. Como pode ser atestado nos exemplos abaixo, que incluem os sistemas de gênero das línguas indo-européias:

a) Alemão:	<i>Der Mann</i>	<i>Die Frau</i>	<i>Das Mädchen</i>
	‘o homem’-MASC	‘a mulher’-FEM	‘a-NEUTRO menina’
	‘o homem’	‘a mulher’	‘a menina’

b) Língua banto (*Swahili*), em que a maioria dos substantivos que se referem a seres humanos estão na classe I, que leva o prefixo **m-**:

mtu	‘pessoa’
mtoto	‘criança’
mgeni	‘estrangeiro’

A partir do que foi exposto acima, observa-se que a classificação dos substantivos é universal, sendo um tipo de palavra que existe em todos os idiomas, assim como os verbos. Entretanto, de acordo com Schachter (1985 p. 7), as flexões entre os substantivos podem variar muito de um idioma para outro.

No francês, por exemplo, os substantivos só se flexionam em gênero e número, inexistindo, portanto, a flexão de grau. O grau é designado apenas na forma analítica, por meio de adjetivos antepostos: "*petit*", para o diminutivo, e "*grand*" para o aumentativo, como em: *petite boîte* ‘caixa pequena’ e *grand boîte* ‘caixa grande’.

Em latim, os substantivos se flexionam em: gênero (masculino, feminino e neutro); número (singular e plural); grau (normal, aumentativo e diminutivo); caso (nominativo, vocativo, acusativo, genitivo, dativo e ablativo). A flexão de caso designa a função gramatical que o substantivo exerce na frase.

Em português a flexão de caso é substituída por preposições, como em: *Domus Petrus* ‘casa de Pedro’.

Em alemão há flexão de: gênero (masculino, feminino e neutro); número (singular e plural); grau (normal e diminutivo - não há aumentativo) e, raramente, pode haver flexão de caso. Os substantivos são sempre escritos com inicial em maiúscula, independentemente de serem próprios ou não.

Em inglês, os substantivos se flexionam apenas em número (singular e plural). Não há flexão de gênero, nem de grau.

Em muitas línguas eslavas existem: cinco gêneros (masculino, feminino, animado, inanimado e neutro); três números (singular, dual e plural); oito casos (nominativo, vocativo, acusativo, genitivo, dativo, locativo, prepositivo e instrumental).

Em sueco, por exemplo, há: dois gêneros (comum e neutro); dois números (singular e plural); dois casos (definido e indefinido). A flexão de caso substitui os artigos, que não existem em sueco.

Já em turco, os substantivos podem receber um sufixo para indicar o possessivo. Eles também podem ser declinados (casos com terminações diferentes) e podem receber sufixos que indicam a pessoa e os transformam em uma frase completa, como segue:

<i>ev</i>	‘casa’
<i>eviniz</i>	‘tua casa’
<i>evinizde</i>	‘em tua casa’
<i>Evinizdeyiz</i>	‘Nós estamos na tua casa.’

Nas línguas urálicas, como o finlandês, há apenas a flexão de número (geralmente singular e plural) e caso (que podem chegar a mais de vinte em alguns idiomas). Não há gênero, nem grau.

Em árabe, há flexão de número (singular, dual e plural), de caso (nominativo, acusativo e genitivo) e gênero (masculino e feminino).

Em japonês os substantivos são palavras invariáveis. Não há gênero nem número, o grau é designado por adjetivos e o caso é designado por posições.

O romeno é o único dos idiomas latinos que possui gênero neutro, além do masculino e do feminino, e com flexão de caso: definido, indefinido e genitivo.

Macambira (1993) trata da questão do substantivo, do ponto de vista mórfico, sintático e semântico.

Sob o aspecto mórfico, o substantivo, dependendo da forma de flexão, pode ser

divido em *quadriforme* (menino, menina, meninos, meninas), *biforme* (livro, livros) e *uniforme* (pires, lápis). Porém, esta divisão não classifica formalmente o substantivo; pois aplica-se também ao *artigo* (o, a, os, as), ao *adjetivo* (belo, bela, belos, belas), ao *numeral* (segundo, segunda, segundos, segundas) e ao *pronome* (ele, ela, eles, elas). Logo, não se pode classificar o substantivo a partir do paradigma flexional.

Então, Macambira sugere que se teste a possibilidade de classificação do substantivo a partir do paradigma derivacional, a partir das *oposições formais*. Assim, pertencem à classe dos substantivos toda palavra variável que admite os sufixos correspondentes a *pequeno* (-inho ou -zinho), donde de *livro* podemos ter *livrinho* que significa livro pequeno, e de *pé* pode-se ter *pezinho* que significa pé pequeno. Pertence também à classe dos substantivos toda palavra variável que admite os sufixos correspondentes a *grande* (-ão ou -zão), donde de *cavalo* se pode ter *cavalão*, que significa *cavalo grande*, e assim por diante. No entanto, essa regra também não dá conta de uma classificação do substantivo. Visto que alguns adjetivos, pronomes e advérbios que assumem familiarmente esses sufixos, não são, porém, correspondentes a *pequeno* e *grande*, o que os coloca fora da regra, porque, por exemplo:

a) *bonitinha*, de *bonita*, não quer dizer *pequena bonita*. *A casa é bonitinha* não é a mesma coisa que *a casa é pequena bonita*.

b) *bonitona*, de *bonita*, não quer dizer *grande bonita*, mas *um tanto bonita*, *muito bonita* ou coisa semelhante.

No caso dos pronomes e advérbios a carência de flexão numérico-genérica basta, só por si, para excluí-los completamente da regra:

a) *pertinho*, de *perto*, não se flexiona em *pertinhos*, como *livrinho*, que pode flexionar-se em *livrinhos*;

b) *devagar* e *devagarinho*, nunca porém *devagarinhos*, pois o advérbio rejeita a flexão de número.

Se o substantivo não suportar a flexão de grau, neste caso deve recorrer-se ao critério sintático, e até possivelmente ao semântico, para classificar a palavra.

Enfim, muitas outras regras podem ser criadas como essa: pertencem à classe do substantivo todas as palavras terminadas em *-es*, *-ez*, *-eza*, *-ância* ou *-ança*. *-ência* ou *-ença*, bem como em *-uni* e noutros sufixos, que gerem oposições formais com os

adjetivos correspondentes, como por exemplo; êxtase — extático; prótase — protático; síntese — sintético; hipótese — hipotético. Dessa maneira, Macambira adverte:

(...) jamais se pode totalmente abstrair do critério semântico, isto é, da significação que a palavra encerra; não há dúvida que a significação é a base, mas apenas como ponto de referência, apenas para constatar que semanticamente tal forma é igual a ou diferente de tal outra, e não para se adentrar profundamente, pois esta é a missão da lexicografia e da semântica. (MACAMBIRA, 1993 p. 34)

Dessa forma, diz Macambira que quando se apela para as oposições como *livro-livrinho* e *livro-livrão*, se invoca o *critério semântico* ao prevenir que o sufixo diminutivo, corresponde ao adjetivo *pequeno*, e o aumentativo ao adjetivo *grande*; apela-se para o critério semântico a serviço do critério mórfico. (p. 34)

O autor diz que em línguas como o chinês, em que praticamente não existem afixos, o critério mórfico é de pouca valia. Em outras línguas porém, como o *nauatle* do grupo asteca, todo substantivo termina por *tl*, ou por suas variantes, que podem ser *tli*, *li*, *tsi* ou *tu*, e toda criança que fala o *nauatle* pode facilmente identificar o substantivo. (p.34)

Sob o aspecto sintático, Macambira (1993 p. 34) anota que pertence à classe do substantivo toda palavra que se deixar preceder por artigo, como em: *aluno*, *um aluno*; ou como pronome adjetivo, especialmente possessivo, como em: *meu filho*, *minha filha*; pronome demonstrativo, como em: *este caderno*, *esta sala*, ou pronome indefinido, como em: *todo dia*, *cada vez*, *pouca gente*.

Segundo o autor, o artigo e os pronomes têm o nome de *function words*, que se pode traduzir por *palavras funtivas*, elementos que geralmente pouco ou nada contribuem para a significação, mas que têm grande importância como índices estruturais, porque contribuem para formar um substantivo.

Sob o aspecto semântico, observa-se em Macambira (1993 p. 34-35), que o substantivo é a palavra que serve para designar os seres. Esta definição tem o seu valor para os seres concretos como *o cavalo* e *o jumento*, *a casa* e *a floresta*, mas, para os seres abstratos, como *a esperança*, *o nada* e *o infinito*, é sem dúvida pouco proveitosa.

Por fim, Macambira acrescenta que toda e qualquer palavra pode ser usada como substantivo, e, portanto, ser considerada como um ser.

Já em Rosa (2000 p. 91), observa-se que a tradição gramatical greco-latina reconheceu três tipos de características na palavra: semânticas, morfológicas e sintáticas. A primeira deu definições como o substantivo é a palavra que nomeia os seres, ou como questões acerca de quais os elementos que podem ser suprimidos do enunciado mantendo-se, ainda assim, uma estrutura com significado. A segunda deu o reconhecimento de que o nome pode flexionar-se em Gênero, Número e Caso, mas não em Tempo, Modo ou Voz. Já a terceira faz reconhecer como a identificação de que o nome, mas não o verbo, pode funcionar como sujeito, além de questões variadas acerca dos fenômenos de concordância e regência. Assim, em decorrência desse feixe de propriedades semânticas, morfológicas e sintáticas as palavras foram distribuídas em *classes de palavras*, ou, na nomenclatura tradicional, em *partes do discurso*. A autora apresenta uma divisão das classes abertas na língua portuguesa, que dá conta do *nome, verbo, adjetivo, advérbio*. Em seus estudos ela focaliza o *nome* do ponto de vista da *noção expressa* e do ponto de vista das *funções que exerce*, dizendo que é no grupo dos nomes (N) que ocorre a maior parte dos nomes de pessoas, coisas, lugares, isto é, o nome para "os seres em geral" (ROSA, 2000 p. 103 *apud* LIMA, 1957 p. 66). Diz ainda, que a função mais comum dos *nomes* (N) é a de funcionar como *argumento*, como no exemplo: *João* dorme. Funcionar como *núcleo de argumentos*, como em: Os *meninos* comeram todas as *frutas*. E ainda, pode funcionar como *predicado*, com ou sem cópula (sem verbos de ligação), como em português: Eles são *professores*, ou como no russo:

Oni u citelja
 ‘eles’ ‘professores’
 ‘eles são professores’ (SCHACHTER, 1985
 p.7)

Com relação ao que foi explanado acima, Rosa (2000) observa que o uso dos termos *argumento* e *predicador*, no lugar da denominação mais tradicional *sujeito, objeto, predicado*, tem sido adotada em linguística para evitar problemas quando se focalizam línguas em que o sujeito não é necessariamente identificado com o agente, ou o objeto com o paciente. Assim, uma frase como *O menino quebrou a janela* teria dois argumentos:

<i>O menino</i>	<i>quebrou</i>	<i>a janela</i>
argumento externo	predicador	argumento interno

Perine (2000), por sua vez, anota que ao contrário do que se dá com os verbos, as classes tradicionalmente denominadas "substantivo" e "adjetivo" têm limites muito pouco claros. É fácil distinguir formalmente um substantivo de um verbo, ou um adjetivo de um verbo; mas a separação entre substantivos e adjetivos é tão pouco marcada que há razões para duvidar da existência de duas classes distintas.

Para Perine, um traço que pode servir para caracterizar os substantivos é a possibilidade de ocorrer na função de núcleo de um sintagma nominal um traço mais núcleo do sintagma nominal [+NSN]. Essa é certamente a função mais típica dos "substantivos" da gramática tradicional. Assim, ele define os substantivos, como:

(...) todas as palavras que podem ser complementos do predicado e não podem ser nem modificadores nem predicativos; adjetivos são as palavras que podem ser complementos do predicado, e também modificadores e predicativos (...). (PERINE, 2000 p. 321).

Perine diz ainda que a inclusão nas definições do traço mais complemento do predicado [+CP] é importante para que não se classifique como substantivo uma palavra como "apertamos", por exemplo, pois essa palavra é um verbo e não pode ser modificador nem predicativo; o que impede que seja classificada como substantivo é que ela não pode tampouco ser complemento do predicado. Isso vale para muitas outras palavras, como "ou", "sempre", "de", "infelizmente", etc., todas elas são menos modificadores [-Mod], menos predicativo [-Pv], mas não são substantivos porque são menos complemento do predicado [-CP]. (p. 327).

Em Perine (2000 p. 328), pode-se observar que os substantivos se subdividem em duas subclasses, caracterizadas pelo traço, as quais ele denomina de *substantivos tipo 1 e substantivos tipo 2*. Os substantivos tipo 1 correspondem aproximadamente aos "pronomes substantivos" da gramática tradicional: *ele, aquilo, tudo*. Mas essa correspondência é apenas aproximada; a subclasse dos substantivos tipo 2 engloba não só muitos "substantivos" tradicionais (*Patrícia, trabalho, mesa etc.*), mas ainda alguns "pronomes substantivos", como *alguém*. Pode-se verificar que *alguém*, ao contrário de *ele* e *aquilo*, pode ocorrer no sintagma nominal sem ser sozinho, o que lhe confere o traço [+T,SN], e o coloca na classe dos substantivos tipo 2. Seguindo esse

tipo de raciocínio, Perine procura agrupar em subclasses grupos cujas matrizes sejam minimamente distintas, chegando a uma classificação que ele chama de classificação preliminar desses conjuntos de itens:

Classes e subclasses de substantivos, segundo Perine (2000:328)

Substantivos: [+CP, -Mod, -Pv], onde:

[+CP] = mais complemento do predicado (função)

[-Mod] = menos modificador (função)

[-Pv] = menos predicativo (função)

Substantivos 1: [-T, SN, +NSN, -Int—, -PN, -íssimo], onde:

[-T] = menos traço

[SN] = sintagma nominal

[+NSN] = mais núcleo do sintagma nominal (função)

[-Int—] = menos intensificador (função)

[-PN] = menos pré-núcleo (função)

[-íssimo] = sufixo de superlativo

Substantivos 2: [+T, SN, +NSN, -Int—, -PN, -íssimo], onde:

[+T] = mais traço

[SN] = sintagma nominal

[+NSN] = mais núcleo do sintagma nominal (função)

[-Int—] = menos intensificador (função)

[-PN] = menos pré-núcleo (função)

[-íssimo] = sufixo de superlativo

Em resumo, de acordo com a classificação feita por Perine, o substantivo compreende duas subclasses (1 e 2). É uma classificação mais complexa do que a da gramática tradicional, mas que no ponto de vista do autor, descreve de maneira muito mais adequada o modo pelo qual os substantivos funcionam dentro da língua. Nessa classificação, a classe dos substantivos inclui alguns itens que a gramática tradicional não chama "substantivos". Da mesma forma, provavelmente a classe dos adjetivos, cuja classificação feita por Perine não mencionamos neste trabalho, inclui palavras que não se chamariam tradicionalmente "adjetivos", como "médico", "homem", "trabalhador". Isso decorre, é claro, da maneira como definimos essas classes. Por isso, diz o autor, é fundamental que, uma vez definidas as classes, se coloque cada item em sua classe seguindo estritamente a definição proposta por ele, visto que, "homem", por exemplo, pode ocorrer como modificador ou predicativo, como no exemplo:

Colimério tem um filho *homem*.
(modificador)

Eu o considero *homem*.
(predicativo)

Por conseguinte, precisa ser marcado [+Mod, +Pv], o que faz dele um adjetivo, segundo o sistema proposto por Perine (2000 p. 329).

Nos estudos de Perine observa-se que ele explora a separação entre substantivos e adjetivos e examina o problema central que dificulta o trabalho de classificação das palavras: a falta de distinção nítida entre os diversos tipos de comportamento gramatical, chegando a conclusão de que existe uma maneira de descrever com rigor esses tipos de comportamento gramatical e que essa maneira leva a uma classificação significativamente diferente da tradicional.

Por fim, em Biderman (2001 p. 259), observa-se que a definição do substantivo constitui-se um problema sério, visto que a *definição tradicional* que encontramos, por exemplo, na gramática de Cunha & Cintra, define o substantivo como a palavra com que designamos ou nomeamos os seres em geral. Entretanto, logo a seguir, vem a observação que se refere ao substantivo do ponto de vista funcional (sintático), definindo-o como:

(...) O substantivo é a palavra que serve, privativamente, de núcleo do sujeito, do objeto direto, do objeto indireto e do agente da passiva. Toda palavra de outra classe que desempenhe uma dessas funções equivalerá forçosamente a um substantivo (pronomes substantivos, numeral ou outra classe substantivada). (BIDERMAN, 2001 p. 259).

Todavia, sendo a classe dos substantivos a classe de palavras que nomeia a realidade por excelência, é necessário incluir na definição tradicional mais uma característica, o critério nocional, pois tal característica individualiza o substantivo entre todas as demais classes, justamente no plano semântico. Porém, de acordo com Biderman, além dos princípios funcionais e semânticos atribuídos ao substantivo, pela gramática tradicional seria necessário ainda, acrescentar outros critérios como a questão das marcas categoriais, por exemplo. Assim, acrescenta:

a) O substantivo é uma classe passível de sofrer o processo da determinação e da modificação, a saber:

O *menino* é **bom**.
(modificação predicativa)

O bom menino é inteligente.
(modificação atributiva)

Este menino é bom.
(determinação dêitica)

b) O substantivo em português é categorizado morficamente em duas classes: a do gênero (substantivos masculinos e substantivos femininos), fenômeno esse do plano da língua e não do discurso. Por outro lado, pode receber uma outra marca categorial: a de número, a saber:

O menino é bom.
(gênero - masculino)

A menina é boa.
(gênero - feminino)

Os meninos são bons.
(número - plural)

Biderman (2001 p. 261) anota ainda que a categorização do substantivo quanto ao gênero é exigência absoluta do sistema linguístico do português. Assim, quando um substantivo é criado no português, através dos processos próprios da língua, ou quando ocorre a incorporação de um empréstimo estrangeiro no vernáculo, a lexicalização substantiva do nome se faz através da sua categorização como masculino, ou como feminino, na maioria das vezes como masculino.

Ainda de acordo com Biderman (2001), o substantivo pode ter valor adjetivo quando se encontra na posição predicativa, como na frase:

"Ah, todo cais é uma *saudade de pedra!*".
(predicativo)

Dada essa similaridade entre substantivo e adjetivo, os sufixos de grau aumentativo, mas, sobretudo, o diminutivo aplica-se indiferentemente a um ou a outro, a saber:

Ele é ainda um *menininho*.
(substantivo)

Ele é um menino *bonitinho*.

(adjetivo)

Em português o uso do substantivo “*coisa*”, no grau superlativo absoluto sintético, como se fosse um adjetivo, tornou-se comum no discurso informal, como em *Não fiz COISÍSSIMA nenhuma*. Porém, esse uso é inaceitável em textos formais, de acordo com a gramática normativa.

Em Biderman (2001 p. 260-261) observa-se que em italiano a utilização do sufixo de grau superlativo (exclusivo do adjetivo) em substantivos é aceitável, como em:

Sei padronissimo di fare come credi.
‘Você está *controladíssimo* para fazer o que pensa’

Alzarsi per tempissimo.
‘Levantou-se por um *tempíssimo*’

Esses usos do italiano seriam inaceitáveis em português.

Em português, dificilmente a mesma palavra desempenha a função de substantivo e adjetivo ao mesmo tempo. Para qualificarmos um substantivo com outro, é necessário o uso de uma preposição, como em:

férias de verão

casa de tijolos

No inglês, o substantivo se adjetiva com frequência, em virtude do pequeno número de marcas categoriais típicas do substantivo e, sobretudo, do adjetivo. Dessa forma, o adjetivo tem como única flexão possível a de grau e, assim mesmo, só nos adjetivos monossilábicos. Assim, são banais, em inglês, as adjetivações do tipo:

summer vacation

‘férias de verão’

brick house

‘casa de tijolos’

Em suma, na Idade Média os gramáticos latinos reuniam substantivo e adjetivo numa única categoria: a classe dos nomes.

Conclusão

Observou-se nesse trabalho comparativo que a classificação dos substantivos é universal, sendo um tipo de palavra que existe em todos os idiomas, assim como os verbos. Entretanto, de acordo com Schachter (1985 p. 7), as flexões entre os substantivos podem variar muito de um idioma para outro, pois presume que os principais critérios para a classificação de palavras em uma língua são gramaticais, e não semânticos. Conclui-se então, de acordo com (DIXON, 1977 p. 19 *apud* ROSA, 2000), que com relação à questão universalidade da distinção na classe de palavras, *nomes*, a classificação tradicional da língua portuguesa não se aplica a todas as línguas, visto que em línguas distintas reconhece-se uma classe como a mesma com base em critérios gramaticais particulares a cada língua. Por exemplo, em português e inglês o *nome* pode ser identificado pela co-ocorrência do artigo, mas isso não acontece no latim, pois não há artigo em latim. Logo, nessa língua a distinção do *nome* se dá por meio das marcas flexionais,

A confirmação da conclusão a que chega Dixon é reafirmada por meio da comparação dos estudos de Perine (2000), que exploram a separação entre substantivos e adjetivos e examinam o problema central que dificulta o trabalho de classificação das palavras: a falta de distinção nítida entre os diversos tipos de comportamento gramatical, chegando a conclusão de que existe uma maneira de descrever com rigor esses tipos de comportamento gramatical e que essa maneira leva a uma classificação significativamente diferente da tradicional. Daí pôde-se atestar que devido a falta de distinção nítida entre os diversos tipos de comportamento gramatical, chega-se a conclusão de que existe uma maneira de descrever com rigor esses tipos de comportamento gramatical e que essa maneira leva a uma classificação significativamente diferente da tradicional. (p.321)

Biderman (2001), também confirma a universalidade da distinção entre a classe dos nomes, porém, ressaltando as afinidades entre as classes dos nomes e dos adjetivos, que justifica o enfoque gramatical, apresentado na tradição grega como latina. Ressalta ainda que a categoria dos nomes é vista por muitos estudiosos como uma categoria superior, espécie de arquicategoria, que deveria incluir não só os nomes (substantivos e

adjetivos), mas também os pronomes, que se aproximam muito dos nomes. O autor anota que, além dos princípios funcionais e semânticos atribuídos ao substantivo, pelos gramáticos tradicionais, seria necessário ainda acrescentar outros critérios, como a questão das marcas categoriais.

Referências bibliográficas

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. *Teoria linguística: teoria lexical e linguística computacional*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MACAMBIRA, J. R. *A estrutura morfossintática do português*. São Paulo: Pioneira, 1993.

PERINE, M. Alberto. *Gramática Descritiva do Português*. São Paulo: Ática, 2000.

ROSA, Maria Carlota. *Introdução à morfologia*. São Paulo: Contexto, 2000.

SCHACHTER, Paul. Part of Speech Systems. In: Timothy Shopen (ed.), *Language Description and Syntactic Typology*. Clause Structure, vol. 1. Cambridge: Cambridge University Press, p. 1-11, 1985.

Recebido em: 20.03.2013

Aceito para publicação em: 10.04.2013